

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GEOVANE TEIXEIRA RIBEIRO

MITOS, CONTOS E FÁBULAS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA

**PARINTINS
2022**

GEOVANE TEIXEIRA RIBEIRO

MITOS, CONTOS E FÁBULAS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Prof^o Msc. Túlio Madson de Oliveira Galvão

PARINTINS

2022

GEOVANE TEIXEIRA RIBEIRO

MITOS, CONTOS E FÁBULAS NA PERSPECTIVA DA FILOSOFIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Amazonas apresentado como exigência para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Prof^o Msc. Túlio Madson de Oliveira Galvão

Aprovado em: 26/10/2022

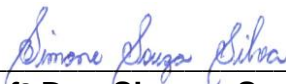
BANCA EXAMINADORA



Prof.^o MSc. Túlio Madson de Oliveira Galvão
Universidade do Estado do Amazonas (Presidente)



Prof.^a MSc. Francisca Keila De Freitas Amoedo
Universidade do Estado do Amazonas (Membro)



Prof.^a Dra. Simone Souza Silva
Universidade do Estado do Amazonas (Membro)

DEDICATÓRIA

*A minha família, pelo amor, afeto, carinho
compartilhados em todos os momentos.
Em especial, ao meu pai Teodoro Ribeiro!*

AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer a meu orientador Túlio Madson, por ter me guiado rumo à conclusão de uma etapa importantíssima de minha vida.

Gostaria de expressar gratidão a todos os professores do colegiado de Pedagogia do CESP – UEA por contribuírem com minha formação.

Gostaria de agradecer à secretária de nosso curso Sra. Edilene, que sempre nos auxiliou quando preciso. E expressar imensa gratidão a todos meus colegas e amigos que estiveram me dando força nessa jornada.

*Eu fui à Floresta porque queria viver livre.
Eu queria viver profundamente, e sugar a
própria essência da vida... expurgar tudo
o que não fosse vida; e não, ao morrer,
descobrir que não havia vivido.
(Henry David Thoreau, 1817-1862)*

RESUMO

O presente trabalho tem como tema “Mitos, contos e fábulas na perspectiva da filosofia”. Seu objetivo geral foi explorar o conhecimento empírico das crianças sobre alguns conceitos da filosofia utilizando como base mitos, contos e fábulas. Este estudo foi embasado em fontes teóricas, como Eliade (2000), Aranha e Martins (2000), Ghedin (2003), Chaui (2008), Lipman (1990), dentre outros autores que discorrem sobre esta temática. Os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa foram de natureza qualitativa, com abordagem dialética, utilizou-se como instrumento de investigação a observação direta intensiva e também a entrevista estruturada aplicada a quatro alunos do 5º ano da Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, desses alunos dois eram do sexo masculino e dois do sexo feminino. As análises mostram a opinião dos alunos sobre certos conceitos do cotidiano e que já foram discutidos por filósofos e em alguns casos pode-se perceber a semelhança entre os discursos das crianças e os pensamentos filosóficos.

Palavras-chave: Mitos; Contos, Fábulas, Filosofia; Crianças.

ABSTRACT

The present work has as its theme "Myths, tales and fables from the perspective of philosophy" its general objective was to explore the empirical knowledge of children about some concepts of philosophy using myths, tales and fables as a basis. This study was based on theoretical sources such as Eliade (2000), Aranha and Martins (2000), Ghedin (2003), Chaui (2008), Lipman (1990) and among other authors who discuss this theme. The methodological procedures adopted in this research are of a qualitative nature, with a dialectical approach. Intensive direct observation was used as an investigation instrument, as well as a structured interview applied to four students from the 5th year of the Ministro Waldemar Pedrosa State School, two of these students were from the male and two female. The analyzes show the students' opinion about certain everyday concepts that have already been discussed by philosophers and in some cases one can see the similarity between children's speeches and philosophical thoughts.

Keywords: Myths; Tales, Fables, Philosophy; Childrens.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes da pesquisa.....	33
Quadro 2 - Questão Investigada 1.....	34
Quadro 3 - Questão Investigada 2	36
Quadro 4 - Questão Investigada 3	39
Quadro 5 - Questão Investigada 4.....	41

Sumário

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	15
1 Os mitos.....	15
1.1 Os Contos e Fábulas.....	18
1.2 O espanto para o mundo.....	21
1.3 O Despercebido.....	23
1.4 Conceitos filosóficos.....	24
1.5 Contextualizar as lições da filosofia em suas realidades.....	26
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	27
2.1 Contexto da Pesquisa.....	27
2.2 Natureza do Estudo.....	27
2.3 Tipo de abordagem.....	28
2.4 Tipo de Procedimento.....	29
2.5 Universo e Sujeito da Pesquisa.....	30
2.6 Estratégias e Técnicas de Coleta de dados.....	30
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	32
3.1 Sobre a ética em O Pote Vazio e O Anel de Giges.....	33
3.2 Sobre a verdade em O Pote Vazio.....	35
3.3 Sobre o bom/bem socializado através de contos.....	38
3.4 O mal segundo as crianças.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE (A)	47

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos o homem buscou explicações para os fenômenos naturais e de sua vida cotidiana, essa curiosidade pelos acontecimentos do mundo surge praticamente junto com o ser humano, a curiosidade do pensamento humano precede os questionamentos da Filosofia, Ciência e até mesmo as explicações religiosas e do senso comum. A curiosidade do pensamento humano é o gatilho que possibilitou obtermos tantas respostas/explicações para um determinado objeto, é a centelha que possibilitou o iluminar do pensamento do homem, tirando-o da “escuridão” da ignorância.

A curiosidade da mente humana levou o homem a lugares inimagináveis, mas isso só foi possível graças a evolução no seu modo de pensar que lhe permitiu desafiar os paradigmas estabelecidos em seu tempo. Foi assim que na Grécia no período entre o final do século VII a.C e início do século VI a.C que os gregos deram origem a Filosofia uma nova maneira de explicar o mundo, diferente daquelas que a precederam. Esse novo modo de pensar prezava por explicações baseadas na razão, foi o primeiro modelo explicativo que tentou compreender os fenômenos do mundo sem a ajuda do senso comum, seres sobrenaturais ou deuses. Surgiu assim uma forma de pensar totalmente pautada na reflexão racional sobre o mundo.

Partindo de todo contexto apresentado inicialmente, a realização da pesquisa teve por objetivo apresentar as relações entre o conhecimento empírico das crianças e o conhecimento filosófico. Destacamos ainda em meio aos objetivos específicos que estão assim relacionados estabelecer uma relação entre o conhecimento empírico das crianças e a Filosofia, aplicar ensinamentos questões filosóficas como a ética, bem/bom, mal, verdade e etc. utilizando contos e fábulas e contextualizar as lições da Filosofia extraídas de mitos, contos e fábulas em suas realidades.

A ideia dessas discussões teve por finalidade gerar indagações e posteriormente discussões sobre estes temas que estão inseridos em nossa realidade e quase nunca paramos para refletir a respeito, tais como: será que sabemos mesmo do que estamos falando? Será que eu sei mesmo o que é o bem? O que é a verdade? Em meio as indagações,” e principalmente sob o olhar para a crianças e os

pensamentos filosóficos”, dentre outros aspectos que apresentaremos no decorrer da pesquisa que proporcionará ao leitor reflexões substanciais que envolvem dúvidas, mas também opinião dos sujeitos pesquisados.

No Capítulo I deste trabalho trazemos o referencial teórico onde abordamos o contexto histórico e a função dos tipos textuais trabalhados com as crianças (contos, fábulas e mitos) trazendo suas origens, principais percussores e teóricos que fomentam nosso estudo.

O capítulo II é composto por nosso percurso metodológico, onde encontra-se os detalhes da metodologia utilizada para a realização da pesquisa como os métodos e técnicas utilizados para abordar os sujeitos da pesquisa e fazer a coleta de dados e detalhamento dos procedimentos que guiaram a realização da pesquisa deste estudo. A metodologia utilizada na pesquisa é de caráter qualitativo e com abordagem dialética pois o diálogo se fez um dos principais contribuintes para a realização deste trabalho, utilizamos como instrumento a observação intensiva e entrevista estruturada. Para o aporte teórico do trabalho tomamos como base Eliade (2000), Aranha e Martins (2000), Ghedin (2003), Chauí (2008), Lipman (1990), dentre outros autores.

Por sua vez o Capítulo III traz a análise e discussão teórica dos resultados coletados durante a realização da pesquisa. Nesta sessão trouxemos autores da filosofia para dialogar com as opiniões expressas pelos sujeitos.

A realização da pesquisa teve por objetivo fazer uma relação entre o conhecimento empírico das crianças e o conhecimento filosófico. A ideia dessas discussões tinha por finalidade gerar indagações e posteriormente discussões sobre estes temas que estão inseridos em nossa realidade e quase nunca paramos para refletir a respeito, tais como: será que sabemos mesmo do que estamos falando? Será que eu sei mesmo o que é o bem? O que é a verdade? Nesta pesquisa partimos da dúvida para enfim chegarmos na opinião dos sujeitos pesquisados.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1 Os mitos

Ao longo dos séculos a Filosofia obteve a fama de se tratar de um exercício reservado exclusivamente aos homens sábios e engenhosos. Foi na década de 70 que um pensador chamado Matthew Lipman (1923-2010) dedicou-se a criar um estudo voltado para as crianças, que viria a ser conhecido como “Programa de Filosofia Para Crianças”. Os estudos de Lipman foram uma inspiração para a origem deste trabalho. Desse modo, surgiu a vontade de realizar um estudo voltado a trabalhar os temas já discutidos por autores da Filosofia com as crianças, utilizando como recursos didáticos contos, fábulas e mitos.

No decorrer da história, em todas as civilizações o homem sempre procurou situar-se no mundo, com isso buscou explicações e sentido para a vida e os fatos que nela ocorrem, isto muito antes de a Filosofia e a Ciência surgirem e se tornarem as grandes referências para a humanidade. A curiosidade do homem aliada ao seu imaginário levou o mesmo a representar sua história e de seu povo através de pequenas histórias, essa busca por respostas para as realidades e os fenômenos do mundo fizeram com que surgisse uma cultura baseada em mitos. Assim, os mitos tornaram-se um paradigma por meio do qual os homens explicavam a realidade e atribuíam um sentido para a vida, constituindo-se em elemento fundamental na cultura humana. Não se sabe com exatidão quando surgiram os mitos, pois sua origem antecede à escrita e por serem histórias transmitidas de forma oral eles modificaram-se inúmeras vezes ao longo de seu percurso na história, seja no Ocidente, ou no Oriente, acerca disso Eliade (2000, p 10.) afirma que:

A maioria dos mitos gregos foi recontada e, conseqüentemente, modificada, articulada, e sistematizada por Hesíodo e Homero, pelos rapsodos e mitógrafos. As tradições mitológicas do Oriente Próximo e da Índia foram persistentemente reinterpretadas e elaboradas por seus respectivos teólogos e ritualistas.

Estes são alguns exemplos de modificação dos mitos, essas alterações podem ocorrer de inúmeras formas dependendo da crença e dos costumes de quem os repassa. Os mitos podem ser classificados em duas formas principais, como mitos cosmogônicos e mitos de origem, os mitos cosmogônicos tratam de eventos que

explicam o surgimento do cosmo/universo, já os mitos de origem estão restritos a relatar a ascendência de um local específico e suas tradições. Mircea Eliade (2000) categoriza os mitos como histórias verdadeiras, sendo eles cosmogônicos ou de Origem, o autor sistematiza sua ideia da seguinte forma:

O mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”. Porque sempre se refere a *realidades*. O mito cosmogônico é “verdadeiro” porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente “verdadeiro” porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. Eliade (2000, p. 12.)

O autor afirma que os elementos da realidade incorporados nos mitos, sendo eles de origem ou cosmogônicos, tornam o mito uma história de caráter verdadeira, por poder ser constatada com os fatos existentes na realidade.

As explicações apresentadas pelos mitos são baseadas na criatividade humana, mas possuem traços de verdade, são conexões entre o mundo da imaginação e a realidade. É importante ressaltar que essas histórias têm uma ligação inerente com a religião, pode-se dizer que a religião é o paradigma que substitui o mito, religião e mito se conectam e exercem funções parecidíssimas, no entanto, não adentraremos nesse campo de discussão.

A palavra mito tem origem no latim *mythos* e o dicionário *on-line* Dicio a classifica como uma “história fantástica, de teor simbólico, normalmente com personagens ou seres que incorporam as forças da natureza e as características humanas.”

Ademais, alguns entendem o mito como uma mera reprodução fantasiosa da realidade a qual não possuímos explicação ainda, mas os mitos são complexos e ricos de lições, além do mais os mitos não se tratam de histórias lúdicas que serviram para entreter os povos e civilizações apenas para o deleite, os mitos tiveram (e ainda tem) uma função social nas civilizações humanas pois sua ligação com a religião os mantém vivos, afinal a religião também se configura como um sistema de explicação dos fenômenos da vida.

Essa “função social” a qual me refiro são os costumes do local onde o mito está inserido Eliade (2000, p.13) afirma que “A principal função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a

alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria.” Essas são algumas das funções e lições que se pode tirar deste universo dos mitos.

Os mitos (de origem) também trazem em seus conteúdos explicações para o modo de viver do homem e seus efeitos, um exemplo é o mito da “caixa de Pandora” que relata a origem dos males no mundo e o preço que isto custou para humanos. Nessa linha de raciocínio Eliade (2000, p. 16) relata que:

Os mitos efetivamente, narram não apenas as origens do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje – um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras

O autor destaca que os tipos de mito (cosmogônico e de origem) se interligam dessa forma o mesmo discorre que “Todo mito de origem conta e justifica uma “situação nova” – nova no sentido de que não existia *desde o início do Mundo*. Os mitos de origem prolongam e completam o mito cosmogônico: eles contam como o Mundo foi modificado, enriquecido ou empobrecido.” (ELIADE, 2000, p. 26). Desta forma, as civilizações que nos antecederam possuíam uma consciência mítica, consciência essa que os guiou por muito tempo, porém, os mitos não ficaram no passado, os mesmos tiveram força para chegar até a contemporaneidade, o fato é que no mundo atual temos o conhecimento de variados mitos, ferramentas como o cinema e as plataformas de *streaming* possuem muitas obras inspiradas nas mitologias ou que abordam esse eixo temático, exemplo de mitologias muito citadas são as mitologias Grega, Nórdica e Egípcia.

A presença de elementos da consciência mítica em nosso cotidiano não significa que ainda vivemos ou pensamos de forma primitiva, afinal, Aranha e Martins (2000, p. 54) salientam que “[...] o mito não é exclusividade de povos primitivos, nem de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade.”

Compreender que o mito teve um grande impacto nas civilizações humanas e foram um artefato fundamental para a evolução do pensamento humano. O modo com o qual o homem pensa foi passando por transformações em algum momento a predominância da consciência mítica perde força e o pensamento religioso entra em

ascensão, posteriormente esse modo de pensar tem que dividir o espaço com o pensamento filosófico e o surgimento das ciências.

O fato é que houve um momento de transição na história em que o respeito ao sagrado foi transferido dos mitos, que deixaram de ser a principal explicação para os acontecimentos da vida e essa função passou a ser exercida pelas religiões, Chauí (2008, p. 264) argumenta que “Na maioria das culturas, a religião se representa como sistema explicativo geral, oferecendo causas e efeitos relações entre seres, valores morais e também sustentação político.” Em “Convite a Filosofia” Marilena Chauí (2008, p. 255.) define a relação da religião com o homem da mesma maneira que se define um mito e por vezes usa o termo “mito da criação” à autora prossegue dizendo que

embora a narrativa sagrada seja uma explicação para a ordem natural e humana, ela não se dirige ao intelecto dos crentes (não é filosofia nem ciência), mas se endereça ao coração deles. Despertando emoções e sentimentos – admiração, espanto, medo, esperança, amor, ódio.

Essas são algumas concepções que os mitos receberam, também exploraremos mais adiante nesse trabalho algumas das “funções” que foram apresentadas.

1.1 Os Contos e Fábulas

Embora pareça se tratar do mesmo gênero literário os contos e as fábulas possuem suas diferenças, apesar de possuírem a estrutura narrativa e extensão semelhante. Os contos são breves narrativas com elementos fictícios e elementos da realidade, geralmente são curtos e com poucos personagens e não necessariamente precisam possuir uma “moral” em seu conteúdo, no entanto nada impede que um conto possa ser utilizado para um momento de reflexão, existem variados tipos de contos direcionados aos mais diversos tipos de público. Enquanto as fábulas são direcionadas ao público infantil e tem como uma de suas principais características trazer em si uma lição moral que faça com que os ouvintes reflitam as ações presentes no enredo do texto. Outra forte característica deste gênero literário são os personagens que geralmente são animais com aspectos humanos, como por exemplo, a fala e o raciocínio, em uma fábula os personagens também podem ser objetos como na fábula da Cinderela ou outros elementos como árvores, o fato é que

esse gênero está pautado na ficção, mas com a intencionalidade de esclarecer e discutir questões da realidade.

Os gêneros literários direcionados às crianças são extremamente importantes para o desenvolvimento da criatividade, mas também para a construção do pensamento da criança, visto que muitos contos trazem consigo lições que podem ser exploradas com o intuito de estimular e extrair a ideia que as crianças absorvem desses textos e as fábulas como já vimos obrigatoriamente trazem uma moral a ser discutida. Esses tipos textuais embora pareçam ser apenas distrações para as crianças cumprem um papel fundamental que consiste em assimilar a realidade de forma branda auxiliando na construção de opiniões para os temas abordados. Nesse sentido Ressureição (2005, p. 19) discorre que:

A fantasia dos contos de fadas é fundamental para o desenvolvimento da criança. Há significados mais profundos nos contos de fadas que se contam na infância do que na verdade que a vida adulta ensina. É por meio dos contos infantis que a criança desenvolve seus sentimentos, emoções e aprende a lidar com essas sensações.

Embora os contos de fadas sejam histórias fictícias eles ocasionam um amontoado de reações reais que mexem com a imaginação e com os sentimentos das crianças e por vezes dos adultos partindo deste pensamento é possível sim, que dessas pequenas histórias sejam tiradas profundas lições.

O universo da ficção seduz as crianças e faz com que elas passem a assimilar sentimentos e conceitos presentes na realidade como frustrações, surpresas, felicidade, raiva, ciúmes e etc. Sendo assim, os contos de fadas se tornam uma ferramenta para expandir o conhecimento dos pequeninos os ajudando a lidar com seus sentimentos, nesse sentido, os contos e as fábulas se tornam um “orientador lúdico” da criança, ganhando assim de certa forma a função de “guiar” a criança em suas reflexões gerando influências na tomada de atitude. No entanto, os contos de fadas não lidam com os “sentimentos ruins” superficialmente apenas para criar um clímax ou um “*plot twist*” na história, pois esses sentimentos têm função imprescindível na evolução e maturação das atitudes das crianças, além de auxiliá-las a lidarem com as dificuldades, ajudando-as a superarem, nesse sentido Bettelheim (1980, p.16) enfatiza que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser

capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados – ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes, o que capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ainda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens a criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.

Nesta ótica, a criança deve também saber lidar e superar as frustrações da vida e a forma mais fácil de trabalhar isso são os contos de fadas, pois os pequenos ainda não estão preparados para assimilar tais sentimentos se eles forem expressos da forma realista, para ser mais clara de forma “nua e crua”.

Os contos de fadas assim como os outros tipos textuais apresentados até aqui, sofreram transformações ao longo do tempo, a princípio essas histórias de teor fantástico que hoje brincam com o imaginário das crianças, não eram direcionadas para o público infantil, em sua origem não foram criados para serem lidos para as crianças, pois as fábulas que conhecemos hoje, como já foi dito, já sofreram bastante alterações, os contos de fadas que hoje tem umas histórias bastante romantizadas como Cinderela, A Bela Adormecida, Branca de Neve e etc... são apenas algumas que originalmente trazem em si temas violentos como assassinatos, mutilações, canibalismo, tortura e estupro. A nova visão sob os contos de fadas é atribuída a Charles Perrault (1628-1703) considerado o primeiro autor para crianças, autor cujas histórias eram acompanhadas de lições morais e geralmente no formato de rimas este formato de histórias virou uma característica não só de Perrault, mas também de outros escritores de contos ou catalogadores de contos posteriores como os irmãos Grimm.

Até este momento falamos sobre diferentes tipos de textos como mitos, contos, fábulas e contos de fadas. O fato é que todos esses tipos textuais se originaram há séculos atrás e não possuem exatidão em suas datas de origem, afinal, por muito tempo essas histórias foram transmitidas apenas de forma oral, pois as mesmas já estavam aí antes mesmo da origem da escrita, tanto que grandes percussores dessas histórias como os irmãos Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) Grimm fizeram

um trabalho de catalogar os contos populares em seu país, a Alemanha, e este é um fato que influenciou bastante na transformação e adaptação dessas histórias.

Assim como outros contos e histórias, os mitos são contados de diferentes perspectivas de acordo com os povos que os contam. Desse modo, podemos encontrar mitos que narram um dilúvio/enchente em diferentes povos, assim como sobre a origem do mau, ou sobre como seria o paraíso, sobre esses mitos há muitas diversificações, no entanto, as semelhanças entre eles são evidentes e não passam despercebidas. Vale destacar que todas essas histórias foram popularizadas por meio da oralidade, então a tradição oral é a grande responsável por essas histórias como mitos, contos de fadas e fábulas atravessarem inúmeras gerações e se fazerem presentes (e fortemente presente) ainda hoje na contemporaneidade. Graças a transmissão oral dessas histórias, da “contação de histórias” foi possível repassar não só as crianças, mas ao homem em geral valores e lições sem deixar de alimentar o imaginário com os pontos fictícios inclusos dentro dessas histórias. É nesse sentido que Rodrigues (2005, p. 4) fomenta que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real.

As contações de histórias são essenciais para o desenvolvimento do pensamento do homem em especial das nossas crianças que podem aprender a lidar com a realidade utilizando ensinamentos do plano fictício, podendo absorver também costumes e tradições que auxiliam na formação do cidadão. É buscando explorar essas contribuições, das contações de histórias, que desejamos trabalhar os contos, fábulas e mitos para repassar ensinamentos às nossas crianças, ou melhor, explorá-los, pois elas já carregam consigo o conhecimento empírico adquirido nos grupos sociais que a conceberam.

1.2 O espanto para o mundo

Assim como alguns mitos contados e recontados da antiguidade até a atualidade, a Filosofia é também mais uma das grandes contribuições dos Gregos para o mundo, não só o mundo contemporâneo, mas já na antiguidade os pensadores gregos deixaram grandes contribuições para a humanidade e foram autores de ideias que influenciam o pensamento até hoje.

Os mitos foram durante muito tempo a única explicação para as coisas da vida, no entanto, em certa altura eles já não eram mais suficientes, pois não apresentavam respostas satisfatórias enquanto os mitos buscavam respostas utilizando a imaginação; a Filosofia exigia uma abordagem mais investigativa e racional, investigando até mesmo os próprios mitos. A Filosofia busca explicar a realidade e o sentido da vida não mais através da imaginação como nos mitos, mas sim, através da razão. Dessa maneira, os gregos foram os primeiros a buscar explicações que não estavam pautadas em deuses ou seres sobrenaturais. Essa disposição da Filosofia em buscar outras explicações para a realidade das coisas, surge pela capacidade que os gregos tinham em se espantar com as coisas do mundo que eram tidas aparentemente como triviais. Assim, surge a curiosidade e a necessidade em dar outras explicações para várias questões e mitos, indagando a todas elas um "por quê". O fator primordial para o surgimento da filosofia é o espanto. O espanto desperta a curiosidade, pois, ao espantar-se o homem busca em seguida compreender o motivo daquilo que causa espanto, saber do que se trata. Caso o mundo não causasse espanto para o filósofo, ele não buscaria conhecê-lo com profundidade e não assumiria a postura de Sócrates ao afirmar que "só sei que nada sei". Pois aquele que não se espanta não quer saber, não quer investigar a fundo. A palavra espanto originalmente vem do grego *thaumazein* (do grego θαυμάζειν) significa a admiração, a perplexidade e o assombro que o mundo causa." Espantar-se é também admirar. Nesse sentido, Evandro Ghedin (2003, p. 26) discorre que "Dispor-se ou predispor-se à reflexão implica, antes de tudo, a capacidade de admirar-se das coisas, de espantar-se com a realidade, de amar e sofrer com a existência." O espanto e a Filosofia estão intrinsicamente ligados, pois quando admiramos algo nossa atenção se concentra nisso que causa admiração e espanto, nos motivando a examinar minuciosamente na intenção de compreender esse objeto, dessa maneira, a relação entre Filosofia e espanto transforma aquilo que até então é desconhecido e estranho, ou tido como habitual e banal, em um fenômeno a ser admirado e estudado. Ghedin (2003, p. 30) ainda esclarece sobre a filosofia e o espanto "A Filosofia se interessa por aquele

instante em que a realidade natural e a história tornam-se estranhas, espantosas, incompreensíveis e enigmáticas, quando o senso comum já não sabe o que pensar e dizer, e as ciências e as artes ainda não sabem o que pensar e dizer.”

1.3 O Despercebido

Podem haver em nosso cotidiano muitos assuntos que passam despercebidos ou não recebem a devida atenção, esses assuntos são problematizados pela Filosofia, pois mesmo sem perceber utilizamos em nossa vivência conceitos e ideias que foram discutidas por grandes autores da Filosofia, por vezes até podemos encontrar alguém que seja adepto de alguma ideia elaborada por determinado filósofo sem ter consciência disso. Observando deste ponto de vista, é notável que de maneira informal a Filosofia é constantemente utilizada por diversos sujeitos em seus respectivos meios de convívio e esta interação empírica com a Filosofia chega até às crianças.

A socialização de temas de caráter filosófico com as crianças acontece no dia a dia, nos diálogos com seus pais ou responsáveis. Os adultos costumam pedir para as crianças que se comportem “bem”, que digam sempre a “verdade” que sejam “solidários”, mas isso tudo sem explicitar de fato sobre: o que é o bem? O que seria a verdade? O que é ser solidário? São assuntos que não recebem uma devida contextualização e como se pode perceber são temas que já foram abordados e questionados por autores da Filosofia, mas também é perceptível que são saberes que podem ser trabalhados com as crianças, pois fazem parte de seu cotidiano.

A filosofia tenta clarear e iluminar assuntos controversos e desordenados que são tão genéricos que nenhuma disciplina científica está equipada para lidar com eles. Os exemplos poderiam ser conceitos como verdade, justiça, beleza, individualidade e virtude. Ao mesmo tempo, a filosofia tenta perturbar nossas mentes em relação àqueles assuntos que tendemos a tomar por certos, insistindo que prestemos atenção aos aspectos que até agora achamos conveniente relevar. Qualquer que seja o assunto, entretanto, o objetivo da filosofia é o de cultivar a excelência no pensamento, e os filósofos fazem isso examinando o que é de pensar historicamente, musicalmente, matematicamente em uma única palavra, pensar excelentemente nas disciplinas (LIPMAN, 1990, p. 111).

A presença de temas de caráter filosóficos no cotidiano das crianças ainda que seja de maneira informal contribui como um alicerce para futuras experiências que

elas venham a ter com assuntos semelhantes e se tornam fundamentos para suas experiências empíricas e modos de agir.

A criança que cresce na família tem sua curiosidade despertada pela aventura das conversas familiares e aprende a “reconhecer as vozes” e a “distinguir os momentos certos quando se fazem declarações, passando paulatinamente a iniciar-se no desenvolvimento da capacidade e participação” deste diálogo contínuo. Quando é chegada a hora para a educação formal, ocorre, mais uma vez: a iniciação no desenvolvimento desta capacidade e na participação da conversa, na qual aprendemos reconhecer as vozes, a distinguir os momentos certos das declarações e adquirimos os hábitos intelectuais e morais apropriados à conversação (LIPMAN, 1995, p. 35).

Podemos usar a Filosofia para contextualizar a realidade que presenciamos, até aqueles que “não conhecem” a visão filosófica dos fatos, fazem seus questionamentos e tiram suas próprias conclusões, norteados por suas experiências, também as crianças seguem este mesmo passo. A Filosofia agregada à vivência dos indivíduos pode possibilitar um novo modo de pensar para o cidadão, novos olhares que transformam sua percepção e sua atuação na sociedade.

[...] a filosofia contribui para se manter aberta sempre a pergunta pelo sentido de como vivemos e do que fazemos [...]. A filosofia é ela mesma transformadora, seu exercício impede o continuar pensando da forma em que se pensava. A filosofia serve ao pensamento, à sua própria lógica problematizadora, sem que isso signifique que preste uma utilidade definida externamente (KOHAN, 2000, p. 189).

O pensamento filosófico possui semelhanças com o modo como pensam as crianças, ambos têm a tendência em fazer muitos questionamentos inusitados para sanar dúvidas, crianças adoram fazer perguntas sempre que algo lhe chama a atenção e é desse entusiasmo que se precisa para iniciar um diálogo com a Filosofia. Sardi (2004, p. 16) afirma que “filosofar é algo como brincar por dentro, com as próprias ideias. E brincar é realmente algo muito ‘sério’, as crianças bem o sabem, e também poderemos aprender isso com elas.”

1.4 Conceitos filosóficos

Partindo do pressuposto de que a criança traz consigo uma bagagem com experiências que podem ser relacionadas com temas filosóficos, nesse trabalho foi proposto que esses conhecimentos que chegam de maneira empírica podem servir

de base para uma experiência com a Filosofia onde os assuntos serão explanados e a criança terá a liberdade para expor sua visão e fazer seus próprios questionamentos: “Se a principal contribuição da criança ao processo educacional é seu caráter questionador, e se a filosofia é caracteristicamente uma disciplina que levanta questões, então a filosofia e a crianças parecem ser aliadas naturais.” (LIPMAN, 1998, p. 50). Para deixar o ambiente de estudos interessante para as crianças os conceitos filosóficos serão abordados por meio de contos e fábulas, com o intuito de chamar a atenção das crianças e, também, como recurso metodológico para uma melhor experiência dos alunos.

As histórias para as crianças são mercadorias preciosas – bens espirituais. Constituem a espécie de bens de que não despojamos ninguém ao torná-los nossos. As crianças adoram os personagens de ficção das histórias que leem: apropriam-se deles como amigos – como companheiros semi-imaginários. Dando às crianças histórias de que se apropriar e significados a compartilhar, proporcionamo-lhes outros mundos em que viver – outros reinos em que habitar (LIPMAN, 2002, p. 62)

Utilizamos contos e fábulas dos quais possamos extrair lições sobre o bem, mal, verdade, mentira e socializar esses assuntos, mediando às discussões que geradas pelas reflexões dos diversos alunos “A filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo” (LIPMAN, 1995). O diálogo é uma parte de extrema importância, pois é significativo ouvir o outro, conhecer seu ponto de vista e ver como ele se apropriou do conteúdo ali presente, suas indagações e seus entendimentos sobre os textos são de grande valor para uma discussão saudável e enriquecedora, assim, durante esses diálogos o saber é construído não somente através de experiências de vida, mas também com respaldo da Filosofia.

A filosofia para crianças, dentre outros aspectos, enfatiza ainda que os erros ou coisas aparentemente sem importância que os alunos dizem durante as aulas longe de serem tolices, constituem, na verdade, uma etapa importantíssima para o desenvolvimento do raciocínio hipotético-dedutivo, uma vez que representam seus pontos de vista pessoal. Além do mais, nenhum sistema de pensamento é estabelecido apenas com proposições acertadas; o erro e as tentativas de acerto estão também inseridos neste processo, até que para a verdade daí inferida possa ser de fato percebida como a alternativa mais plausível e coerente ao que se pretende sustentar por meio do raciocínio lógico. E os alunos têm todo o direito de conhecer este processo (SOUZA, 2013, texto digital).

Ao final dessa experiência de discussões de temas da Filosofia através de contos, fábulas e mitos o intuito é que o modo de pensar das crianças já não seja mais o mesmo, fazendo assim com que elas revejam o seu cotidiano através de um novo olhar. Buscando com isso uma nova compreensão da sua realidade e que possam se utilizar dos conceitos filosóficos para pensá-la criticamente e assim poder modificá-la.

1.5 Contextualizar as lições da filosofia em suas realidades

Depois da experiência das crianças com temas filosóficos, onde poderão pensar e expressar-se livremente sobre assuntos tão presentes em seu cotidiano, mas que são abordados de forma rasa, a tendência é que esta experiência seja levada como exemplo e que a elas tendam a se posicionar sobre questões que lhe afligem. Esse é o objetivo do presente trabalho, fazer com que as crianças possam desenvolver o senso crítico, repensando sua realidade e a longo prazo desenvolver soluções tendo como base filosofias que visam transformar a realidade visando o bem comum.

Filosofia para Crianças incentiva as crianças a pensar por si mesmas e as ajudará a descobrirem os rudimentos de sua própria filosofia de vida. Fazendo isso, estará ajudando a desenvolverem um senso mais concreto de suas próprias vidas (LIPMAN, 1998, p. 114).

O ato de filosofar é uma forma de fazer uma releitura do contexto social o qual se está inserido de forma particular, e respeitando o pensamento divergente, mas sempre mantendo o diálogo e construindo saberes. Assim, a prática filosófica torna-se também um meio de vida, não apenas uma disciplina, e, exercitando isso nas crianças, podemos fazer com que tenham futuramente uma relação mais próxima com a filosofia, além de ajudar a se tornarem adultos mais críticos e cidadãos mais virtuosos e comprometidos com o bem comum.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Contexto da Pesquisa

A coleta de dados para a pesquisa foi realizada na Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa, localizada no bairro de São Benedito, na rua Lindolfo Monteverde 3403 na cidade de Parintins-AM. O estabelecimento escolar foi fundado em 1967 e inaugurado no dia 25/01/1968, a escola completou no ano de 2022, 54 anos.

Atualmente o espaço físico da escola é composto por 8 salas de aula, sala dos professores, 1 biblioteca/Ludoteca, secretaria, direção, 3 banheiros, cozinha, refeitório, auditório, pátio e um amplo espaço externo utilizado para aulas práticas de educação física e outros afins.

A escola atende alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e funciona nos turnos matutino e vespertino, é considerada uma referência no município pois o estabelecimento já foi premiado algumas vezes com o título “Escola de Valor” por conta de seu ótimo desempenho alcançado no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

2.2 Natureza do Estudo

Este trabalho buscou extrair as ideias dos indivíduos participantes sem a intenção de quantificar os dados coletados, sendo assim, o método utilizado para a investigação nessa pesquisa foi método o qualitativo, pois nesta pesquisa não buscamos a exatidão numérica, buscamos compreender a complexidade e os detalhes das informações atingidas. Nesse sentido trazemos Goldenberg (1997, p. 34), o qual esclarece que:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

Por sua forma de tratar os dados de maneira a formar uma compreensão interpretativa a respeito dele, em nosso caso, a respeito da compreensão que as

crianças possuem a respeito de conceitos filosóficos presentes no uso comum, é que este método se torna eficaz nessa pesquisa. Assim concordamos com os dizeres de Minayo (2008, p. 57) que destaca que:

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam.

Levando em consideração as concepções acerca da pesquisa qualitativa, este trabalho configura-se nestes moldes pois nele foi feita a busca de informações não com a intencionalidade de medir os resultados, mas de trazer à tona a impressão, opinião e pontos de vistas dos sujeitos no intuito de tentar compreender as ideias e as atitudes dos mesmos.

2.3 Tipo de abordagem

O tipo de abordagem adotada nesta pesquisa é a abordagem dialética, cujos autores Marconi e Lakatos (2007, p. 110) classificam este método como um método “que penetra no mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.” Levando isto em consideração buscamos nesta pesquisa dar vozes as opiniões dos sujeitos investigados, buscando explorar a autenticidade de seus posicionamentos, valorizando o diálogo durante a busca pelo conhecimento, entendendo que durante esta busca a divergência de ideias é um fato inevitável e necessário para que possamos nos aproximar de um resultado coerente. “Portanto, para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim de um processo é sempre o começo de outro.” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 101).

É por conta das contradições de ideias que nascem em um diálogo que a presente pesquisa determina este método como o ideal para o seu desenvolvimento pois "para a dialética não há nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; apresenta a caducidade de todas as coisas e em todas as coisas e, para ela, nada existe além do

processo ininterrupto do devir e do transitório" (ENGELS, 1978, p. 202 *apud* MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 103).

2.4 Tipo de Procedimento

Neste trabalho "Mitos, contos e fábulas na perspectiva da Filosofia" utilizamos o procedimento de Pesquisa-ação, pois se trata de uma pesquisa de caráter participativo tanto entre os sujeitos da pesquisa quanto com o pesquisador, esse tipo de procedimento partimos da exploração da bagagem cultural dos sujeitos para atingir os objetivos. A pesquisa-ação é definida por Thiollent (1985, p. 14 *apud* GIL, 2002, p. 55) como:

...um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De acordo com as características do procedimento utilizado na pesquisa a mesma se configura como pesquisa-ação, pois durante sua realização exploramos o conhecimento empírico que as crianças possuem sobre alguns conceitos filosóficos explorando alguns mitos, contos e fábulas e posteriormente a isso interagimos com os sujeitos da pesquisa adicionando outros pontos de vistas afim de estimular os mesmos a refletirem sobre o assunto. Dessa maneira, a modalidade da pesquisa realizada se encaixa no conceito de Severino (2013, N. P.) sobre a pesquisa-ação que a define como:

[...] aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

É por meio do método de pesquisa-ação que exploramos as possibilidades que os sujeitos da pesquisa ofereceram ao socializar sua bagagem cultural (conhecimento empírico) e também ao interagir e discutir o conteúdo proposto pelo pesquisador,

estimulando a troca de ideias, valorizando o diálogo e visando oferecer diferentes visões que talvez auxiliem na maneira de pensar e agir.

2.5 Universo e Sujeito da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Ministro Waldemar Pedrosa em uma sala do 5º ano no turno matutino, o ambiente da sala de aula é composto por 28 alunos, sendo eles 16 alunos do sexo masculino e 14 do sexo feminino com faixa etária entre 10 e 11 anos, deste quantitativo de alunos foram selecionados 4 estudantes, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, os critérios da escolha desses sujeitos se deu após em um primeiro momento quando realizado a atividade de exposição e discussão dos contos, mito e fábulas os mesmos demonstraram mais predisposição a interagir com o pesquisador e os conteúdos propostos. Afim de obter dados que favorecessem a continuidade da pesquisa estes alunos foram selecionados por demonstrarem mais conforto em participar da discussão dos tipos textuais apresentados, sendo assim estes alunos foram selecionados para o segundo momento da pesquisa.

2.6 Estratégias e Técnicas de Coleta de dados

Este subtópico tratar das técnicas de coleta de dados, Severino (2013, N. P.) comenta que “As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias.”

Na realização dessa pesquisa foram trabalhadas a observação direta intensiva com as técnicas de “observação” técnica, a qual Marconi e Lakatos (2007, p. 111) definem ser uma técnica que “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Para Severino (2013, N. P.) a observação “É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa.”

Utilizamos também a técnica de “entrevista” que “é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a

informação necessária”. (Marconi e Lakatos, 2007, p. 111). Severino (2013, N. P.) entende a entrevista como

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Outro método utilizado para a obtenção de dados nessa pesquisa foi a “entrevista estruturada” que é definida por Severino (2013, N. P.) como

[...] aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais.

Foi mesclando as técnicas citadas, durante a interação com os sujeitos que coletamos o material apresentado adiante.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é destinado aos resultados e discussões da pesquisa denominada: Mitos, contos e fábulas na perspectiva da Filosofia. Pesquisa essa desenvolvida na E. E. M. Waldemar Pedrosa onde os resultados foram obtidos utilizando técnicas de observação direta intensiva e entrevista estruturada. As técnicas de pesquisas foram aplicadas em uma turma de 5º ano de onde foram selecionados 4 alunos, dois meninos e duas meninas para que então fosse dada a continuidade na pesquisa.

As perguntas direcionadas aos alunos após a leitura e exposição dos temas trabalhados dentro dos textos tiveram por objetivo discutir alguns conceitos presentes no cotidiano das crianças e que também já foram pauta para os autores da Filosofia.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram alunos de 10 e 11 anos matriculados regularmente na escola já mencionada. Em uma primeira etapa, uma intervenção foi realizada em sala de aula para todos os 28 alunos da classe utilizando a técnica de observação com intuito de examinar fatos e fenômenos que pudessem se tornar alvo de nossa investigação (MARCONI e LAKATOS, 2007).

Os dados da pesquisa foram coletados no mês de setembro, a primeira etapa já mencionada ocorreu no dia 14 e a etapa seguinte foi realizada no dia 21. Nesse segundo momento (21/09) a coleta de dados foi realizada apenas com o quantitativo de 4 alunos utilizando a aplicação da técnica de entrevista estruturada para a obtenção de resultados.

A análise e discussão a seguir está baseada nos resultados obtidos durante a pesquisa através de observação participante e entrevista estruturada, levando em consideração também aporte teórico de autores da área, monografias, artigos científicos que trazem um embasamento teórico de acordo com o tema pesquisado. Esta pesquisa tem como critério não exibir os nomes dos sujeitos participantes, dessa maneira aqui os sujeitos foram identificados por nomes fictícios, estes nomes fictícios atribuído aos sujeitos da pesquisa são nomes de personagens de variadas mitologias.

Quadro 1 – Participantes da Pesquisa

Sujeito	Idade	Sexo	Série
Vênus	11	Feminino	5° ano
Afrodite	11	Feminino	5° ano
Anúbis	10	Masculino	5° ano
Tupã	11	Masculino	5° ano

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Através das perguntas o objetivo foi estabelecer conexões entre o conhecimento empírico das crianças e as teorias filosóficas que abordam os temas trabalhados, mostrando que apesar da Filosofia ser comumente considerada um exercício para grandes e sábios pensadores, as questões que ela aborda estão presentes em todos os ambientes, inclusive estão inseridas nas vivências das crianças, mesmo que elas não conheçam as discussões e os conceitos filosóficos, possuem a capacidade de reconhecer e opinar acerca dessas questões em sua própria linguagem.

3.1 Sobre a ética em O Pote Vazio e O Anel de Giges

Nesta categoria foi feita a primeira pergunta, após leitura e análise do conto “O Pote Vazio” e o relato do mito “O Anel de Giges”, presente no livro A República de Platão, buscamos explorar as temáticas estabelecidas pelos textos. As perguntas foram sempre direcionadas às crianças sujeitos da pesquisa. O objetivo da primeira pergunta se deu por verificar se os sujeitos participantes já tinham ouvido falar sobre “ética” ou se sabiam do que se trata.

Quadro 2 – Questão 1

Questão 1	Resposta	Autor da resposta
Você sabe o que é ética?	Na minha opinião ética é como se fosse nossos valores, é o que a gente é.	Vênus
	Os nossos valores e o nosso caráter	Afrodite
	Ética é caráter é algo bom	Anúbis
	Sim, ética é aquilo que fazemos com todo o esforço.	Tupã

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Nesta primeira indagação os sujeitos da pesquisa responderam o que seria a “ética” e como pudemos perceber a maioria dos alunos associa o significado da ética aos valores internos do ser humano. Dessa maneira as opiniões coletadas vão de encontro com o pensamento de Alberto Brum (1997), que diz que a ética “é uma retidão, algo que se expressa em sintonia e harmonia com o que está em nosso íntimo, é a exteriorização de nossa índole interna.” Levando isso em consideração a ética é uma virtude interna existente em cada ser humano e podemos ver que os alunos já possuem uma prévia visão do termo.

A resposta número 1 dada por Vênus diz da seguinte forma “ética é como se fosse nossos valores, é o que a gente é.” E com certeza pode ser considerada uma resposta condizente àquilo que está presente no debate filosófico acerca dessa questão, afinal, a ética está além do obedecer às regras sociais, ela não é encontrada fora do ser humano, ela é uma resposta pessoal que vem do interior consciente do ser e a consequência do agir ético (ou não) que reflete externamente. O fato é que a ação ética está muito além do obedecer, pois ao agir de forma “ética” apenas por obediência desconfigura-se o verdadeiro sentido da ética. Evandro Ghedin (2003, p. 309) discorre sobre o assunto relatando que:

A ética é uma postura de vida, relacionada com princípios gerais e universais presentes na consciência do indivíduo. É uma práxis em sintonia com o íntimo do ser. É uma maneira de agir que não se restringe a um comportamento que não fere as aparências. A ação

ética é a melhor ação possível, a mais indicada, a reta ação – e não uma ação correta.

Na presente sessão observamos que as definições de ética apresentadas pelos sujeitos da pesquisa em sua grande maioria foram feitas relacionando-as ao caráter. Mais uma vez uma suposição condizente com o debate filosófico, pois entre as definições de ética, pode-se encontrar significados que atribuem a ética ou “*Ethos*” ao sentido de caráter, em nossa língua essas expressões podem ser simplificadas por “modo de ser”. Vale ressaltar que no olhar ético esse “modo de ser” não pode ser qualquer modo, deve ser um modo consciente. Ghedin (2003, p. 309) salienta que

A ação ética é sempre resultado de um ato voluntário e não o simples obedecer às aparências ou a uma regra, ela é uma postura existencial que inclui a possibilidade de se agir, ou não de uma certa maneira. Por ser algo consciente, internamente, não permite uma dupla maneira de ser. A retidão se preserva, mesmo quando se estiver só.

E como se adquire o comportamento ético? Em seu livro *Ética a Nicômaco* Aristóteles afirma que este comportamento não é inato. O autor afirma existir duas espécies de virtude, a intelectual (que no momento estamos associando à ética) e a moral, a primeira gera-se e cresce graças ao ensino, por isso demanda de experiência e tempo, enquanto a virtude moral é fruto do hábito e da prática e, por isso mesmo, não pode ser ensinada, cabendo aos indivíduos, através da virtude intelectual da prudência chegar no meio termo, na mediania moral, buscando o equilíbrio em suas práticas morais, evitando sempre que possível os vícios decorrentes do excesso ou da carência (Aristóteles, 1973). Desse modo, segundo Aristóteles, nos aproximamos de um agir ético e nos tornamos mais virtuosos e felizes.

Nessa pergunta os sujeitos da pesquisa mostraram que seus conhecimentos do cotidiano possuem conexões com discussões filosóficas mesmo que os próprios desconheçam ainda a abordagem filosófica.

3.2 Sobre a verdade em O Pote Vazio

Esta categoria a pergunta direcionada teve por objetivo extrair dos alunos os seus entendimentos sobre o termo “Verdade” que é mais um assunto que pode ser

explorado dentro do conto “O Pote Vazio”. Dessa maneira foi perguntado “Para você o que é a verdade?” as respostas estão expostas logo abaixo no quadro 3.

Quadro 3 – Questão 2

Questão 2	Resposta	Autor da resposta
Para você o que é a verdade?	A verdade é uma coisa que se é verdadeira! No caso da verdade é o bem de todas as coisas que fazemos e de todos momentos que acontece conosco.	Vênus
	Algo que é composto inteiramente de coisas boas e sinceras.	Afrodite
	É algo verdadeiro, real e algo bom.	Anúbis
	Verdade é uma palavra muito forte a verdade é aquilo que falamos, aquilo que pensamos e devemos ter a verdade todos os dias.	Tupã

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Como pode ser observado no quadro 3, trazemos as concepções de verdade que os sujeitos da pesquisa nos entregam. Podemos observar que a grande maioria das respostas trazem uma associação da verdade com a bondade (o bom/bem), colocando o tema da verdade como uma questão também moral. Nietzsche (2007) na obra *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, irá afirmar que a noção de verdade está vinculada à moral no sentido que aquilo que é convencionalizado como verdade tende a ser também o socialmente aceito. Além disso, aquele que descumpra as normas sociais tidas como verdadeiras acaba adquirindo um prejuízo moral sendo enquadrado como mentiroso e sofrendo prejuízos sociais. A verdade é perante todas

as sociedades o correto a se fazer, a postura certa a se assumir, mas as consequências da verdade são subjetivas para os receptores ou até mesmo para os transmissores da mensagem, pois estão vinculadas ao socialmente aceito.

Notamos que Afrodite e Anúbis atribuem em suas visões acerca da verdade algumas qualidades ao afirmarem que a verdade é algo sincero, real e verdadeiro, entre as várias concepções do termo verdade, algumas delas guiaram essa discussão ao longo dos séculos, como o conceito grego *Alétheia* (aquilo que foi desvelado). Levando em consideração a qualidade de verdadeiro a definição de Anúbis vai ao encontro com o pensamento de Marilena Chaui (2008, p. 96) que discorre sobre a “verdade” da seguinte forma

O verdadeiro se opõe ao falso, *pseudos*, que é encoberto, o escondido, o dissimulado, o que parece ser, mas não é, o que não é como parece. O verdadeiro é o plenamente visível para a razão ou evidente (pois a palavra “evidência” significa “visão completa e total de alguma coisa”).

Dessa maneira a/o verdade/verdadeiro é aquilo que se revela, é tudo aquilo que não se esconde, está ali para ser constatado. Chaui (2008, p. 96) exemplifica o conceito grego de verdade como;

[...] uma automanifestação da realidade ou manifestação dos seres à visão intelectual dos humanos. Ela é uma qualidade própria das coisas (o manifestar-se ou mostrar-se a si mesmas) e o verdadeiro está nas próprias coisas, quando o que elas manifestam é sua realidade própria.

A qualidade de verdadeiro trazida por Anúbis parece simplista, mas se observada na ótica grega analisada por Chaui (2008) ganha um significado mais profundo, onde o verdadeiro significa “o que algo realmente é”.

Tupã categoriza a verdade como “[...] aquilo que falamos”, de certo nem tudo que falamos é verídico, no entanto falamos verdades e nesse sentido definir a verdade como aquilo que é dito assemelha-se com o conceito de verdade encontrada no latim, *veritas*, esse termo se refere a veracidade do relato oral. Chaui (2008, p. 96) explica essa definição “[...] se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato, no qual se diz com detalhes pormenores e fidelidade o que realmente aconteceu”. Portanto, se aquilo que falamos é algo verdadeiro e temos a propriedade de detalhes fidedignos

estamos nos enquadrando na origem latina do termo. Chauí (2008, p. 96) ainda afirma que

Verdadeiro se refere [...] à linguagem como narrativa de fatos acontecidos, refere-se a enunciados que dizem fielmente as coisas tais como foram ou aconteceram. Um relato é veraz ou dotado de veracidade quando a linguagem enuncia fatos reais.

Vale lembrar que os conceitos da verdade em grego e latim não são apenas comparações análogas às definições dos sujeitos da pesquisa, mas foram as definições destas linguagens que serviram de alicerce para as discussões filosóficas na antiguidade.

3.3 Sobre o bom/bem socializado através de contos

Nesta sessão de perguntas apresentamos um conto “Distinguindo o bem do mal” para trazer à tona estes conceitos e buscar saber o que as crianças entendem quando essas palavras são direcionadas a algo ou alguém. O resultado desta sessão de perguntas pode ser encontrado no quadro 4, questões 3 disponíveis abaixo:

Quadro 4 – Questão 3

Questão 3	Resposta	Autor da resposta
O que é ser bom?	Ser solidário e generoso com todos.	Vênus
	Ser bom é fazer o bem incondicionalmente sem se importar com a pessoa que está necessitando de ajuda ou com qualquer tipo de recompensa.	Afrodite
	É fazer o certo.	Anúbis
	Ser bom é ajudar as pessoas que precisam como idosos, crianças e necessitados, sem esperar ajuda.	Tupã

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Ao nos depararmos com as respostas percebemos que o pensamento que tiveram em relação ao termo “bom” leva os pequenos a pensarem em “boas ações” no “fazer o bem sem olhar a quem” está nítido que ser bom (ou fazer o bem) na concepção desses sujeitos está atrelado a atitudes solidárias, a ser virtuoso e perseguir aquilo que é correto, esta forma de pensar associa-se com as ideias platônicas que associa o bem à virtude. Platão, ao falar das características do belo vai além do ponto de vista estético, ele define que o belo é uma forma de manifestar o bem, pois boas ações também são ações belas. Então a ideia de bem em Platão apresenta três caracteres sendo eles a proporção ou medida, a beleza e a verdade. Sendo o sumo bem a maior das virtudes. Ward (2020) afirma que o bom aparece dentro da concepção daquilo que é belo porque

Para Platão (340 a.C.) o belo é o ideal da perfeição só podendo ser contemplado em sua essência por meio de um processo de evolução filosófica e cognitiva do indivíduo por meio da razão que lhe

proporcionaria conhecer a verdade harmônica do cosmo. (WARD, *online*, 2020)

Partindo desse pressuposto a qualidade de ser bom está dentro do que é belo, pois para Platão todas essas qualidades precisam ser desenvolvidas para uma convivência harmoniosa com toda a existência. A beleza a qual Platão se pôs a falar vai ao encontro com o as concepções do “ser bom” apresentadas, pois nela existe a presença do bem. Podemos ver isso na síntese do diálogo platônico apresentada por Carneiro (2017, *online*) ao falar sobre a beleza o mesmo discorre que ela está

[...] longe de ser um padrão estético, a beleza aparece aqui como forma na qual o Bem Universal poderá se manifestar, pelos seus atos, em toda a sua transparência. Aqui podemos lembrar daqueles sujeitos que tomaram atitudes que todos consideraram como nobres e belas, encarnando em si mesmos o Bem Universal percebido imediatamente e intuitivamente por todas as pessoas — eis aqui a articulação entre o Belo e o Bom.

Dentro da abordagem platônica como já apresentado o conceito de bom engloba outras qualidades. A verdade é mais uma das qualidades, que segundo Platão está interligada ao bem, inclusive a associação desses conceitos também foi apresentada no quadro anterior (quadro 3) como resultado de um dos sujeitos (Anúbis). Carneiro (2017, *online*) comenta sobre a verdade em Platão, conceito esse que para o autor é um dos componentes para o belo (bom).

A verdade – caracteriza o modo como o sujeito se engaja no projeto de se tornar sujeito moral, de constituir para si uma existência digna do nome “boa”. Em outros termos, a verdade designa o caráter de autenticidade daquele que busca para si uma existência moral através de uma dialética que ocorre em sua própria experiência de vida. É, pois, aquele que pelas suas atitudes e pelo seu discurso busca a verdade daquilo que é Belo e Bom, a conexão primordial com o Bem Universal.

Ao fazer uma análise do que foi falado pelos sujeitos da pesquisa, pelo que foi registrado na entrevista pode-se considerar as concepções dessas crianças como posicionamentos concordantes às ideias platônicas. Há uma semelhança na forma de pensar entre os pequenos que foram entrevistados e um dos clássicos filósofos da

humanidade. Os sujeitos entrevistados mostram mais uma vez que os conhecimentos empíricos adquiridos ao longo de suas vivências possuem significados, não são rasos e insignificantes e se receberem atenção e estímulo podem continuar a fluir e engrandecer o convívio dos participantes dessa socialização de pensamentos.

3.4 O mal segundo as crianças

Este subtópico tem a intencionalidade de apresentar os resultados obtidos a respeito de mais um conceito O Mal, nessa sessão foi perguntado aos participantes da pesquisa: “O que é ser mal?” As respostas coletadas estão exibidas no quadro 5 exibido abaixo:

Quadro 5 – Questão 4

Questão 4	Resposta	Autor da resposta
O que é ser mal?	É ser uma pessoa que não se importa com os outros e que só faz mal para prejudicar os outros.	Vênus
	É se “desinportar” com os outros e seus sentimentos ou atitudes e desvalorizar a bondade dos outros e virar as costas para todo tipo de boa atitude.	Afrodite
	Fazer o mal ao outros.	Anúbis
	É uma pessoa que fala coisas negativas e muitas vezes incentivam elas a se matarem. Uma pessoa que rouba, mata e etc.	Tupã

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

As respostas obtidas para a indagação do ser mal não foram as que o pesquisador esperava ouvir, no entanto, a resposta de Afrodite me chamou atenção, onde a mesma define o mal como “[...] desvalorizar a bondade”. Isto nos faz lembrar de Santo Agostinho (354-430), filósofo e teólogo que dedicou parte de suas discussões a provar que o mal não existe por si mesmo, pois acreditava na existência de Deus e perante seu juízo coisas ruins como a maldade não podem ter origem neste mundo, pois este é uma criação de Deus e Deus jamais daria origem ao mal, sendo o mal o desvio do caminho de Deus, que representa a bondade. Em defesa de sua tese Santo Agostinho afirma:

Deus é o Bem Supremo, acima do qual não há outro: é o bem imutável e, portanto, verdadeiramente eterno e verdadeiramente imortal. Todos os outros bens provêm d’Ele, mas não são da mesma natureza que Ele. [...] qualquer que seja o seu grau na escala das coisas, não pode proceder senão de Deus. (AGOSTINHO, 2006, p. 3)

Para Santo Agostinho o que chamamos de mal tem origem no corrompimento da natureza, o mal surge entre os homens porque os homens se corrompem e se afastam do caminho de Deus, uma vez que possuem livre-arbítrio, por isso, não tem propriamente uma origem divina. O autor afirma que o mal é falha de um bem devido à natureza de uma criatura, criatura esta que não é divina (Deus), mas humana e, portanto, pecadora. Santo Agostinho enfatiza que nesse sentido:

Nenhuma natureza, absolutamente falando, é um mal. Esse nome não se dá senão à privação de bem. Mas, dos bens terrenos aos celestiais e dos visíveis aos invisíveis, existem alguns bens superiores a outros. E são desiguais justamente para que todos possam existir. Deus é de tal modo grande artífice no grande, que não é menor no pequeno. (AGOSTINHO, 2011, p. 41)

Com isto o autor afirma que o mal não pode existir em Deus, mas apenas em suas criaturas quando estas desviam do seu caminho, pois Deus é a origem do bem e todo desvio do bem chamamos mal. Dessa forma, Afrodite ao definir o mal como a desvalorização da bondade, torna o seu discurso condizente com as ideias de Santo

Agostinho, que afirma não existir o mal, mas sim uma ausência da bondade entre os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho procurei encontrar as relações entre o pensamento das crianças e alguns discursos filosóficos, e pode ser visto que mesmo que não tenham estudado (ainda) a disciplina de Filosofia as crianças têm algo a dizer sobre os temas da Filosofia. E como mostrado no presente trabalho, por vezes, existem grandes semelhanças entre o pensar das crianças e a forma como a qual alguns filósofos expuseram suas ideias.

A exploração de alguns conceitos já debatidos na filosofia teve como objetivo impor a dúvida para que fossem externalizadas respostas a respeito dos temas. Partimos desse pressuposto porque quase nunca abrimos espaço para debater e dialogar com a maioria desses temas, já que são palavras comuns e seu uso estão normalizados em nosso cotidiano. Desse modo, dificilmente despertam nossa curiosidade, assim como das crianças, já que nos apegamos ao significado de tais conceitos como algo banal, cuja verdade é evidente, por isso o debate não ganha este espaço.

Nosso objetivo principal foi deixar as conceituações de lado e instigar as crianças a responderem as questões apresentadas, de modo espontâneo, sem se importar se as respostas estão corretas, exaltando para elas a importância da reflexão sobre esses temas, mesmo que tenhamos dúvidas a respeito.

A riqueza dos relatos orais em sala e as respostas obtidas através de entrevista estruturada mostram que com estímulo as crianças podem sim participar de discussões com temas diferenciados, como os temas filosóficos e terem um olhar mais crítico e desvinculado do senso-comum. Outro item observado é que ao trazer esses temas às crianças, damos a elas a oportunidade de refletirem e se familiarizarem com questões que talvez jamais tivessem tido a oportunidade de refletirem anteriormente. Questões essas que na maioria das vezes enxergamos como verdade universal, ou algo banal. E com isso não abrimos a possibilidade de ponderar, refletir ou criticar sobre essas tais “verdades” atribuídas pelo senso-comum.

O intuito deste trabalho também consistiu em apresentar temas importantes para a realidade das crianças como o bem, a verdade, a dimensão do mal e da mentira, buscando socializar não só o belo e prazeroso, mas sim o necessário, pois conhecer e saber usar esses conceitos engrandece o convívio dos participantes dessa realidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **A cidade de Deus:** (contra os pagãos). Tomo I. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- AGOSTINHO. **A Natureza do Bem.** Tradução de Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo selo, 2006.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução a filosofia. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- ARISTÓTELES, **Ética a Nicômaco.** São Paulo: Abril, 1973.
- BETTLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRUM, Alberto, **Investigando o que é ética.** Brasília: UCB, 1997.
- CARNEIRO, Alfredo. **Platão:** a ética do Belo e do Bom. Netmundi.org. Disponível em: <<https://www.netmundi.org/filosofia/2017/platao-etica-do-belo-e-do-bom/>>. Acesso em: 15 out. 2022.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 13 ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 5 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- ENGELS, Friederich. **Dialética da natureza.** 2. ed. Lisboa: Presença. São Paulo: Martins Fontes, 1978
- GHEDIN, Evandro. **A Filosofia e o Filosofar.** São Paulo: Uniletras, 2003. 408 p.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
- KOHAN, Walter. **Filosofia para crianças.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola.** São Paulo: Sumuus, v. 39, 1990.
- LIPMAN, M. **Natasha: diálogos Vygotskianos.** Porto Alegre: Artes médicas, 2002.
- LIPMAN, M. OSCANYAN, F.; SHARP, A. M. **Filosofia na sala de aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 1998.
- LIPMAN, M. **O Pensar na Educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 7 ed. São Paulo: Editora Atlas. 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra Moral**. São Paulo: Hedra, 2007.

RIBEIRO, Débora, Mito. Dicio. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/mito/>>. Acesso em 13 ago. 2022.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

SARDI. Ula. **um diálogo entre adultos e crianças**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013

SOUZA, Tânia Silva de. **O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman**. [S.l.], v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf>>.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

WARD, Rodolfo. **Você sabe o que é estética?** O Belo, a arte e a antropologia. O início da disciplina estética. 19° Encontro Internacional de Arte e Tecnologia; 2° Seminário Design, Art and Technology Journal; 2° Encontro Internacional do Grupo Retina. Internacional SP. VENTURELLI, Suzete; PRADO, Gilberto, FERREIRA, Antenor Correa; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia, São Paulo: Media Lab / BR, PUC-SP, 2020. (on-line).

APÊNDICE (A)
Entrevista aplicada nos sujeitos da pesquisa

1) Você sabe o que é ética?

2) Para você o que é a verdade?

3) O que é ser bom?

4) O que é ser mal?
